

# Conferência de Imprensa do Presidente Joaquim Chissano

O Presidente do Partido Frelimo, Presidente da República Popular de Moçambique e Comandante-Chefe das Forças de Defesa e Segurança, Joaquim Alberto Chissano, concedeu na passada quinta-feira, em Maputo, uma conferência de Imprensa a jornalistas nacionais e estrangeiros, durante a qual abordou diversos temas sobre a realidade moçambicana. Antes de se colocar à disposição dos mais de uma centena de jornalistas para responder às suas perguntas, o Chefe do Estado, em jeito de introdução, proferiu as seguintes palavras:

Antes de responder às perguntas dos senhores jornalistas, queria agradecer, em nome do Partido Frelimo e da República Popular de Moçambique, pelo interesse que a Imprensa nacional, evidentemente, mas sobretudo a Imprensa estrangeira, mostrou pelo nosso País. Foi um interesse que se manifestou através de uma tomada de contacto com a realidade moçambicana e uma divulgação que mereceu ao nosso País o apoio e a solidariedade dos povos e países que vocês representam. Isto, sobretudo, durante os momentos tristes que se seguiram ao desaparecimento físico do nosso querido Camarada Presidente Samora Machel.

Nós sentimos que, no Mundo, existe uma consciência da necessidade de se apoiar a República Popular de Moçambique na sua luta pela consolidação da independência nacional, pela paz e pelo desenvolvimento. Essa solidariedade e esse sentimento de simpatia para com Moçambique têm, estou certo, alguma coisa a ver com o trabalho que a Imprensa realizou, a todos os níveis. Por isso, queremos cooperar com os órgãos de Informação nacionais e estrangeiros para satisfazer, em parte, a curiosidade que sabemos existir no seio desses povos tão ansiosos em apoiar-nos e em solidarizar-se connosco de uma forma concreta.

Vamos responder-vos, mas estou certo que não vamos satisfazer cabalmente as vossas perguntas, porque estamos num processo e, dentro dos próximos meses, muitas das perguntas e curiosidade existentes serão satisfeitas em vários domínios. É com esta base de entendimento que vou responder o melhor possível, neste momento, às perguntas que os senhores jornalistas vão formular.

O Presidente Joaquim Chissano, pôs-se então à disposição dos jornalistas. Passamos a transcrever, na íntegra, como decorreu a conferência de Imprensa.

Um jornalista da Revista STERN (RFA), depois de evocar o Acordo de Nkomati e a limitação dos efectivos existentes nos escritórios do ANC em Maputo, derivados desse acordo, perguntou ao Presidente Joaquim Chissano qual a posição da RPM em relação ao ANC, que, nas suas palavras, zacões em luta contra o regime sul-africano.

**Presidente Joaquim Chissano —** O Acordo de Nkomati prevê que a África do Sul não vai apoiar grupos ou indivíduos que ataquem Moçambique ou de qualquer modo desestabilizem o nosso País. Por seu lado, a RPM não deve apoiar acções violentas contra a RAS. Está é a essência do Acordo de Nkomati, no que respeita ao apoio a grupos ou indivíduos. Quanto à ques-

tão de limitação do pessoal do ANC em Maputo, não é a questão real do acordo, mas ambas as partes chegaram a entendimento sobre a redução do efectivo nos escritórios do ANC em Maputo o que quer dizer que a existência do escritório desta organização não esteve em causa. Ficámos, por isso, surpresos quando os sul-africanos vieram bombardear os escritórios do ANC.

Em segundo lugar segundo o acordo, somos livres de receber qualquer coisa dos sul-africanos, desde que não perpetre acções violentas contra a África do Sul a partir de Moçambique. Podemos receber refugiados da África do Sul e instalá-los onde quisermos, segundo as normas internacionais. Isto para responder à 1.ª parte da sua pergunta. No que respeita à nossa posição em relação ao ANC, ela é muito clara: apoiamos a luta do povo sul-africano dirigido pelo ANC e outras organizações democráticas no interior da África do Sul. O que não devemos fazer é ajudar o ANC a desen-

cadear acções violentas na RAS. Comprometemo-nos a não fazê-lo. Fora disso, apoiamos o ANC política, moral e diplomaticamente.

**Pergunta** (António Couto, pela KANEMO): A estratégia de desestabilização sul-africana afecta, como é bem sabido, a África Austral: contudo, Moçambique é visado como o alvo principal dessa desestabilização. Na opinião de Vossa Excelência, Senhor Presidente, a que se deve essa atenção para com Moçambique?

**Presidente —** É uma pergunta muito interessante, porque já me foi colocada há semanas atrás, por meios diplomáticos. Para mim está muito claro por que é que a África do Sul está interessada em atacar Moçambique como alvo preferido na região. Em primeiro lugar, porque Moçambique é um País que ascendeu à independência através de uma luta popular que derrotou um regime colonial-fascista. A África do Sul foi tomada de surpresa pela vitória do Povo moçambica-